

# O CATOLICISMO RIO-GRANDENSE FRENTE À VISIBILIDADE DAS RELIGIÕES MEDIÚNICAS DURANTE O PERÍODO PRÉ-CONCILIAR

## *CATHOLICISM IN RIO GRANDE DO SUL AGAINST THE VISIBILITY OF MEDIUMISTIC RELIGIONS DURING THE PRE-CONCILIAR PERIOD*

Artur Cesar Isaia<sup>1</sup>

### RESUMO

Este texto tem como objeto principal, verificar as fontes relativas ao discurso católico do Rio Grande do Sul frente às chamadas religiões mediúnicas no período anterior ao Concílio Vaticano II. O catolicismo esteve longe de desfrutar de uma situação de comodidade e ascendência moral-institucional na formação histórica do Rio Grande do Sul. É durante a República Velha, que o catolicismo passou a ter uma influência mais decisiva sobre a sociedade gaúcha, principalmente com a ascendência moral, fruto do trabalho educacional, formando as elites no Estado e, igualmente, com a formação de uma sociedade mais dócil aos ensinamentos, a partir da chegada dos imigrantes italianos e alemães. Quando as religiões mediúnicas começaram a mostrar visibilidade no Estado, a hierarquia católica respondeu com a negativa do reconhecimento do *status* de religião a elas. Se por um lado, o catolicismo não as reconhecia, as religiões mediúnicas (tanto o espiritismo quanto a umbanda) longe estiveram de colocar-se de maneira frontal, de encontro à igreja. O posicionamento da hierarquia católica mostrou a sua persistência frente à condenação absoluta às religiões mediúnicas, tendo de reformular seu discurso apologético e polêmico, quando o Concílio Vaticano II passou a recomendar o diálogo inter-religioso e a aceitar as realidades socioculturais de cada povo.

**Palavras-chave:** Catolicismo; Religiões Mediúnicas; Espiritismo; Umbanda.

### ABSTRACT

*This text has as its main object of research sources related to the Catholic discourse in Rio Grande do Sul in regards to the so-called mediumistic religions in the period prior to the Second Vatican Council. Catholicism was far from enjoying a situation of comfort and moral-institutional rise in the historical formation of Rio Grande do Sul. It is during the Old Republic that Catholicism began to have a more decisive influence on Rio Grande do Sul society,*

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo; mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desenvolveu estágio de pós-doutoramento na École de Hautes Études en Sciences Sociales em Paris e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Titular em História da Universidade Federal de Santa Catarina, onde desenvolveu atividades de docência e pesquisa no Programa de Pós-Graduação em História, tendo ocupado o cargo de Coordenador do PPG.

*mainly with the moral rise that resulted from its educational work, forming the elites in the state and, equally, with the formation of a society that was more docile to its teachings as a result of the arrival of Italian and German immigrants. When mediumistic religions began to show visibility in the state, the Catholic hierarchy responded by refusing to recognize them as a religion. If, on the one hand, Catholicism did not recognize them, the mediumistic religions (both Spiritism and Umbanda) were far from taking a frontal position against the church. The positioning of the Catholic hierarchy shows its persistence in the face of the absolute condemnation of mediumistic religions, having to reformulate its apologetic and controversial discourse when the Second Vatican Council began to recommend interreligious dialogue and to accept the sociocultural realities of each peoples.*

**Keywords:** Catholicism; Mediumistic Religions; Spiritism; Umbanda.

## INTRODUÇÃO

Perseguir as relações tecidas entre o catolicismo e as religiões mediúnicas, no Rio Grande do Sul da primeira metade do século XX, é o que se aborda neste artigo. A escolha do marco temporal obedece ao critério de reconhecimento do aprofundamento de uma situação de campo religioso no Brasil, a partir de meados do século XX. Por parte do catolicismo, essa situação relacionou-se com a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e, particularmente, com a criação do Secretariado para a Defesa da Fé, a ela vinculado. O que se trata por religiões mediúnicas no Rio Grande do Sul, engloba as ofertas religiosas que tinham, no transe mediúnico, seu aspecto distintivo. Abordam-se, neste texto, as relações urdidas entre o catolicismo, o espiritismo e a umbanda, em um período anterior ao Concílio Vaticano II, justamente devido às transformações substanciais no posicionamento da hierarquia católica, posterior àquele evento, cuja análise demandaria outro investimento intelectual.

### 1 CATOLICISMO E TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XX

O século XX marcou um avanço institucional do catolicismo no Rio Grande do Sul, chegando a desenvolver um acentuado papel como agente político nas décadas de 1930 e 1940 (ISAIA, 1998). Essa ascendência contrastava com o papel lateral da igreja nos séculos XVIII e XIX, quando o catolicismo não era capaz de firmar a sua ascendência moral e sua influência política (ISAIA, 2018, p. 29-36). Esse panorama começa a se transformar com a chegada dos imigrantes alemães e italianos, os quais foram responsáveis pela futura edificação de um verdadeiro clima de cristandade, ou seja, uma sociedade, nas quais os ensinamentos da igreja católica passaram a representar normas sociais na zona colonial do Estado. Contudo, se esse clima

tinha vigência nas colônias de imigrantes no meio urbano rio-grandense, somente no século XX, o panorama seria alterado, quando começa a dar frutos o investimento católico na formação de uma rede de ensino para a formação das elites. Esse projeto educacional da igreja teria, na formação de uma elite masculina católica, o ponto de partida para uma atuação capaz de levar a influência católica para o domínio público e influir nos destinos políticos. Referindo-se ao papel lateral da igreja católica no final do século XIX e início do XX, assim refere-se Isaia (1998, p. 116): “Entre a intelectualidade, ao lado do positivismo comtista predominante, divulgavam-se também ideias embasadas pelo naturalismo materialista e pelo evolucionismo”.

Como resultado do trabalho dos padres jesuítas, o Rio Grande do Sul contou com uma elite católica masculina capaz de influir no debate político na primeira metade do século XX. Essa elite católica masculina foi proveniente, inicialmente, do Ginásio Conceição de São Leopoldo e, logo após, do Ginásio Anchieta de Porto Alegre. No Ginásio Anchieta formou-se um grupo com sólida formação humanística, o qual passou a enfrentar o debate político-ideológico de matiz anticlerical. Esse grupo era formado em torno do padre Werner von und zur Muhlen, chegado da Alemanha ao Rio Grande do Sul em 1912. Outros grupos de intelectualidade católica formaram-se no Estado, como o chefiado pelo capuchinho frei Pacífico de Bellevaux e pelo irmão Afonso, no Colégio Rosário, mantido pelos irmãos maristas desde 1904 (ISAIA, 1998). Esses grupos formaram-se, obviamente, a partir da ótica eclesiológica da neocristandade, que tentava reedificar uma sociedade, na qual as normas do catolicismo funcionassem como normas sociais (POULAT, 1971).

Nessa perspectiva, o mundo moderno mostrava-se como um território de missão, o qual precisava ser combatido, principalmente por meio da investida contra as ideologias contrárias à revelação cristã e os diferentes credos religiosos que tornavam, cada vez mais, complexo o campo religioso brasileiro. Entre esses credos apareciam, no discurso católico, as religiões mediúnicas. Um sintoma da priorização da luta católica contra esse inimigo é a saliência, com a qual o espiritismo e a umbanda aparecem como referentes discursivos nas publicações católicas, à medida que se aproxima da metade do século XX. Os números apresentados por Camargo (1961, p. 175), referentes à população espírita no Rio Grande do Sul, embora amplamente minoritária, mostram um avanço relativo considerável. Segundo esse autor, os espíritas saltam de 1,7% da população em 1940, para 2,8% em 1950.

## 2 AS RELIGIÕES MEDIÚNICAS EM MEADOS DO SÉCULO XX NO RIO GRANDE DO SUL

Entre as religiões mediúnicas, o espiritismo, talvez pela sua estruturação, definição doutrinária e trabalho coordenado pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul, é a que revelou uma presença institucional mais antiga no Estado. O primeiro centro espírita registrado em “A Reencarnação”, órgão da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, sediava-se na cidade de Rio Grande. Era o Centro Espírita Rio-Grandense, fundado em 1891 (SOCIEDADE ESPÍRITA KARDECISTA, 1957, p. 69). Na capital, o mais antigo centro, ainda em funcionamento, é a Sociedade Espírita Allan Kardec, fundada em 1894.

Quanto à umbanda, talvez pela sua organização mais atomizada e pela falta de uma autoridade centralizada (ISAIA, 2012, 2019), teve uma presença institucional mais recente (o que de forma alguma invalida a possibilidade de terem existido manifestações rituais umbandistas não registradas). Para Correa (1994), o primeiro centro de umbanda do Estado foi fundado em Rio Grande, em 1926, o Reino de São Jorge. O fundador desse centro foi um ferroviário residente em Rio Grande, chamado Otaçílio Xarão. Na cidade de Porto Alegre, o centro mais antigo, ainda em funcionamento, é o Abrigo Espírita Francisco de Assis, sede da Congregação dos Franciscanos Espíritos de Umbanda. Esse centro apresenta uma forte influência ritual e doutrinária, tanto do espiritismo codificado por Allan Kardec, quanto do catolicismo de feição pré-conciliar (ISAIA, 2022) e foi fundado pelo oficial da marinha, Laudelino Manoel de Souza Gomes, em 1933.

A fundação desses centros, tanto espíritas quanto umbandistas são apenas marcos institucionais. Se pensar as práticas mediúnicas não institucionalizadas, essas certamente existiram antes dos marcos institucionais, tanto do espiritismo quanto da umbanda. Exemplos, nesse sentido, foi o médico José Ferreira de Moraes, de São Borja, praticante e divulgador do espiritismo, nascido em 1857 (SOCIEDADE ESPÍRITA DR. FERREIRA DE MORAES, 1994) e falecido como médico do Corpo de Saúde da Divisão Norte, que lutava ao lado de Júlio de Castilhos, durante a revolução federalista de 1893 (ASTURIAN *et al.*, 2016); como também, são os casos registrados em Weber (1999, p. 183), do negro Mandu e Antônio, que na Porto Alegre do final do século XIX eram tidos como esculápios, feiticeiros e invocadores dos espíritos.

À medida que as práticas de invocação aos espíritos no Rio Grande do Sul adquiriam visibilidade, frequentando, inclusive a imprensa da época (PESAVENTO, 2008), configuraram-se jogos de descredenciamento por parte dos opositores ao espiritismo e às práticas religiosas afro-brasileiras, que

antecederam à umbanda. Entre os opositores dos praticantes da invocação aos espíritos contavam-se representantes da medicina, do direito e da hierarquia católica no Estado. Dessa maneira, os próprios adeptos da invocação aos espíritos passaram a procurar delimitar seu espaço de atuação. Assim, espíritas iniciaram a descredenciar a nascente umbanda, por invocar os espíritos longe do horizonte doutrinário da codificação do espiritismo por Allan Kardec<sup>2</sup>. Igualmente os praticantes do batuque<sup>3</sup>, não aceitavam que seus orixás fossem cultuados na umbanda, fora das normas rituais e doutrinárias passadas pela oralidade e pela tradição afrodescendente. Significativa, nesse último sentido, é a entrevista do líder umbandista Moab Caldas (CALDAS, 1995).

Em relação ao espiritismo, ao mesmo tempo em que esse demarcava fronteiras identitárias capazes de separá-lo da umbanda, esta passou a procurar uma aproximação maior com aquele. Isso acontecia pelo fato de o espiritismo, apesar das perseguições que sofreu, ser uma religião mediúnica, com considerável acumulação simbólica, devido à sua familiaridade com a ciência e com a cultura letrada (AUBRÉE; LAPLANTINE, 1990). Essa é uma realidade não restrita à umbanda do Rio Grande do Sul, basta se atentar para o título do primeiro evento nacional da nova religião: Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda, celebrado no Rio de Janeiro, em 1941. As palavras “espiritismo” e “espírita” passaram a aparecer com frequência nas fontes relativas à umbanda no Estado, principalmente nos nomes dados aos centros que passaram a ser fundados, nos estatutos dos mesmos e no esforço doutrinário da nova religião (ISAIA, 2000). O esforço em se aproximar da organização e reconhecimento social gozados pelo espiritismo salta à vista, por exemplo, na leitura do Regulamento da Sociedade Espiritualista Cavaleiros de São Jorge, fundada em Porto Alegre, em 1949 (REGULAMENTO INTERNO, s.d.). Outro exemplo, encontra-se nos estatutos da Sociedade Espírita de Umbanda Cavaleiros de São Jorge Guerreiro, da cidade de Montenegro nos anos de 1950. Seu estatuto previa como sua finalidade: “O estudo teórico, experimental e prático de todos os fenômenos relacionados ao espiritismo” (ESTATUTOS, 1957, p. 1). Como se viu, a tentativa de aproximação era rechaçada pelo espiritismo. Dessa forma, o presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, Hélio

---

2 Uma abordagem da delimitação de fronteiras entre o espiritismo brasileiro e a umbanda no século XX foi feita em Isaia e Amorim (2014).

3 Herkovits, que pesquisou em Porto Alegre no início dos anos 1940, mostrou a diminuta presença da umbanda. Segundo suas pesquisas, o que predominava na capital era o batuque (HERKOVITS, 1943). O batuque é a religião que cultua os orixás no Rio Grande do Sul (PRANDI, 2005). Diferentemente da umbanda que invoca, também, os espíritos do panteão afro-ameríndio, o batuque cultua os orixás, as divindades africanas.

de Castro<sup>4</sup>, tentava demarcar território, defendendo a impropriedade da expressão “espiritismo de umbanda”:

Umbanda é uma corrente espiritualista de feitiço religioso, com apoio no mediunismo que dispõe de ritual e cerimonial próprios [...] A expressão ‘espiritismo de umbanda’ surgiu da concepção inteiramente errônea de que as religiões e seitas que se valem do mediunismo são ramos do espiritismo. Este não tem ramos, tem sim pontos comuns com outras religiões [...]. A verdade é que mediunidade, mediunismo não implica uma ideia de religiosidade e, muito menos de uma exclusividade religiosa. [...] Não há ‘baixo espiritismo’. O nível da doutrina não oscila com o procedimento defeituoso de algumas pessoas que se rotulam espíritas e pretendem se colocar sob a bandeira do espiritismo (O ESPIRITISMO..., 1957, p. 14).

Além da oposição do espiritismo, a umbanda no Rio Grande do Sul contou com uma campanha movida contra ela pelo batuque. Sobre esse assunto, o alagoano Moab Caldas, chegado ao Estado em 1930, assim manifestou-se:

Mas de repente o batuqueiro se deu conta que dentro dos terreiros de Umbanda também se manifestavam os Orixás, que são os deuses do culto africano. Então eles reclamaram. Não! O Orixá é propriedade nossa, pois para que venha um Orixá é necessário um aprontamento de sangue... Que o Preto Velho se manifestasse, que o Caboclo se manifestasse, tudo bem. Mas eles não admitiam que o Orixá se manifestasse (CALDAS, 1995).

As palavras acima indicam para uma clara situação de disputa simbólica, quando os batuqueiros sentiam-se ameaçados nos fundamentos doutrinários e rituais da sua religião, ao perceberem a chegada dos seus orixás à nascente umbanda.

Apesar da oposição católica às religiões mediúnicas no Estado, há evidências empíricas da influência do catolicismo, tanto no que se refere à umbanda quanto ao espiritismo. Assim, já o primeiro centro de umbanda de Porto Alegre, o Abrigo Espírita Francisco de Assis, sediou e ainda sedia a

4 O coronel Hélio de Castro, posteriormente acabou por transitar para a umbanda, chegando a presidente da União de Umbanda do Rio Grande do Sul (n.a.).

Congregação dos Franciscanos Espíritas de Umbanda, a qual foi estruturada muito próxima à Ordem Terceira de São Francisco (ISAIA, 2022) e outros sodalícios católicos. Até os dias atuais, os médiuns vestem um burel muito próximo ao dos frades franciscanos. Igualmente, o fundador legou uma série de orações diárias, reunidas em um breviário, próximo ao livro litúrgico católico. Essas orações são tidas como “ditadas espiritualmente” ao fundador.

No passado, a congregação saía às ruas em procissões, em algumas datas especiais como em treze de maio. Nessa data, os congregados percorriam a Cidade Baixa de Porto Alegre, principalmente as ruas que rememoravam vultos abolicionistas da história do Brasil. Já o próprio ritual da casa, denominado “Semiromba”, aproximava-se claramente do católico. Essas prescrições ritualísticas eram vistas nas vestes usadas, como as capas, muito próximas aos pluviais católicos; nos barretes também próximos aos usados pelos clérigos no período pré-conciliar; no uso de turíbulos para incensar a casa e o congá<sup>5</sup> e, sobretudo, nas prescrições rituais e doutrinárias da casa. O que chama muito a atenção é que se ouvem até cantos em latim em algumas ocasiões rituais. Igualmente aproximativa em relação ao catolicismo pré-conciliar era a ênfase em uma ascese rígida, pondo em evidência a castidade, o recolhimento (ISAIA, 2018). Sintomáticas foram as informações passadas pela, então, Irmã Maior (dirigente da Congregação) e sua futura sucessora em 1995 (CENTENO; GUEDES, 1995).

A aproximação com o catolicismo como horizonte simbólico aparece, também, no espiritismo no Rio Grande do Sul da primeira metade do século XX. Uma importante fonte, nesse sentido, foi a publicação “A Reencarnação”, do ano de 1957, na edição comemorativa ao centenário da obra de codificação espírita. Nessa edição, foram arrolados os centros espíritas existentes no Estado. Era muito sintomático o fato de os patronos espirituais desses centros remeterem à herança católica. Assim, desde a Virgem Maria, dos santos católicos como São Francisco de Assis, São Vicente de Paulo, Santa Joana d’Arc, até a vultos do catolicismo rio-grandense, brasileiro e europeu aparecem como patronos. É o caso do padre Cacique de Barros, do cônego Francisco Xavier, do primeiro bispo de Rio Grande do Sul, Dom Feliciano José Rodrigues Prates, do orador sacro frei Francisco de Monte Alverne e do teólogo francês Fenelon. Os parentescos culturais entre opositores doutrinários tão evidentes quanto o espiritismo e o catolicismo, não são originais no Rio Grande do Sul. Tanto Ladous (1989) quanto Vovelle (2010), salientaram as coabitações discursivas entre ambos, apesar das fronteiras identitárias e doutrinárias apresentadas.

Outra associação muito presente entre os escolhidos para patronos

---

5 Lugar onde ficam as imagens dos orixás e entidades do panteão afro-ameríndio cultuado na umbanda.

dos centros espíritas, diz respeito a nomes de médicos. Warren (1984) defendeu a característica terapêutica, como a nota distintiva da reinterpretação do espiritismo francês em solo brasileiro. Dessa forma, não apenas o nome do mais conhecido médico espírita do século XIX, Bezerra de Menezes aparece nessa condição, como o nome do Dr. Sebastião Afonso de Leão, o qual clinicou em Porto Alegre no final do século XIX e início do século XX. Outro exemplo que se repete como patrono de várias casas, é o do Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, médico que, tal como Bezerra de Menezes, ocupou o cargo de presidente da Federação Espírita Brasileira.

### 3 AS RELIGIÕES MEDIÚNICAS E A REAÇÃO CATÓLICA

As fontes relativas ao catolicismo rio-grandense do período pré-conciliar evidenciam o reconhecimento das religiões mediúnicas como adversário considerável, o qual precisava ser enfrentado dentro da tradicional visão eclesiológica de missão. As religiões mediúnicas apareciam como óbices à edificação da nova cristandade pregada pela igreja católica (POULAT, 1971). Atentando-se para o posicionamento do espiritismo gaúcho nesse período, o mesmo fazia questão de distanciar-se da umbanda, enquanto esta procurava uma aproximação com aquele, confiando nos seus dividendos simbólicos. Já o discurso da hierarquia católica remetia a ambos, espiritismo e umbanda, a uma posição comum. Apareciam como diametralmente opostos à verdade revelada e custodiada pela igreja e em posição de antípoda simbólica ao catolicismo, radicalizando e simplificando imaginariamente a realidade (BOIA, 1998). Dessa forma, ambos aparecem como batuqueiros, quimbandeiros, feiticeiros, mandingueiros, macumbeiros e outros designativos caídos pejorativamente no senso comum.

Em 1917, o bispo de Uruguaiana lançou uma Carta Pastoral, na qual o espiritismo é visto como “contubérnio de superstição e de blasfêmia”. No documento, o espiritismo aparecia em total alteridade ao magistério eclesiástico. Nem mesmo o ambiente, no qual as sessões aconteciam, eram poupados pelo bispo, que taxava os centros espíritas de “conventículos indecentes”, capazes de ofenderem os princípios morais e religiosos que sustentavam a família cristã (PINHEIRO, 1917).

Já o bispo de Caxias, em meados do século XX, atacava a convivência de alguns católicos com as práticas mediúnicas, vistas como incompatíveis com os ensinamentos da igreja. O argumento da falta de decoro e moralidade das sessões espíritas aumentava a construção desse inimigo. O bispo de Caxias, obliterando o princípio constitucional de liberdade de consciência, apelava para o poder público, para extirpar as práticas mediúnicas:

Os responsáveis pela coisa pública deveriam olhar para as inúmeras jovens que nesses antros perderam sua inocência. Apelamos vivamente para quem deve por cobro a estes abusos a fim de que reprima esta tradição imoral, que só serve para depor contra os nossos foros de povo civilizado! A inocência reclama medidas enérgicas para sua defesa (ZORZI, 1950, p. 8).

A vinculação das religiões mediúnicas com a falta de moralidade é uma constante no discurso da hierarquia católica do período, opondo a “clareza”, a “luz” da verdade revelada à “escuridão”, às “trevas” das religiões mediúnicas, próximas ao crime e à imoralidade. Esse posicionamento, no Rio Grande do Sul, fazia eco às Atas do Concílio Plenário para a América Latina, celebrado em Roma, em 1899. Esse documento declarava que os ambientes, nos quais aconteciam a invocação aos espíritos, iludiam a boa fé e disseminavam escândalos públicos:

Com los prestígios del sonambulismo y de la clarividência como la llaman, las mujercillas en médio de gesticulaciones no siempre modestas, fingem que vem las cosas invisibles, y com audácia increíble presumen disertar sobre assuntos religiosos, evocar las almas del muertos, recibir respuestas, descubrir lo que está oculto ó muy lejos, y practicar mil otras supersticiones (EPISCOPADO LATINOAMERICANO, 1906, p. 102).

O discurso católico ganhou fôlego com a priorização da recém-fundada Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ao ataque às religiões mediúnicas. Nesse sentido, ficou muito conhecido o frei Boaventura Kloppenburg, que por meio de conferências e da palavra escrita, chefiava o ataque da igreja contra as religiões mediúnicas. Assim, as fontes relativas ao ano de 1957 são importantíssimas para estudar o posicionamento da igreja, em relação ao avanço do espiritismo e da umbanda. Nesse ano foi comemorado o centenário da codificação do espiritismo por Allan Kardec, enfrentando o discurso da igreja, a diversas comemorações patrocinadas pelos espíritas. Acompanhando as determinações da CNBB, realizou-se, no Rio Grande do Sul, uma campanha contrária ao espiritismo e à umbanda, a qual culminou com as conferências públicas proferidas por frei Boaventura. A importância da presença de frei Boaventura e de seu ataque às religiões mediúnicas no Estado ficou patente no posicionamento de Moab Caldas, primeiro representante da umbanda na Assembleia Legislativa:

Mas nossa cidade regrediu 500 anos e só faltou a fogueira nesses dias que estamos vivendo, quando um agitador religioso vem à praça pública, cuspiendo por cima da Constituição e do Código Penal, criticar estapafurdidamente as religiões de milhões de seres, advogando a veracidade da sua e tentando chafurdar as demais no campo sáfaro das superstições. Nunca vi incongruência tamanha! Imaginar-se que o edifício milenar das outras crenças, assentados nos fatos, desafiando os séculos, possa derruir assim como tocado por um ciclone! (CALDAS, 1959, p. 21).

O discurso de Moab Caldas ocasionou uma forte reação por parte dos deputados, que representavam os interesses do catolicismo no legislativo estadual. Essa reação, por outro lado, evidenciou a distância intelectual que separava o primeiro representante da umbanda gaúcha na Assembleia Legislativa da elite católica ali representada<sup>6</sup>. A polêmica envolveu o deputado Moab Caldas e, entre outros, os deputados Gay da Fonseca, Cândido Norberto, Milton Dutra, Braga Gastal, Ariosto Jager e Euclides Kliemann. Moab Caldas praticamente não pôde expor seu pensamento, pois cada ideia sua, de natureza religiosa ou constitucional, levava a apartes desses deputados. Nessa conjuntura, nota-se, a partir daí, um retraimento no ataque ao catolicismo na atuação parlamentar de Moab Caldas. A campanha movida por frei Boaventura contra as religiões mediúnicas no Estado continuou, voltando o franciscano, várias vezes, a Porto Alegre. O Jornal *O Dia*, assim manifestou-se sobre essas visitas, aprofundando as antípodas imaginárias entre a “luz” católica e as “trevas”, representadas pelas religiões mediúnicas:

Frei Boaventura [...] gritou forte aos quatro ventos a verdade do Evangelho, a verdade da religião católica. Não dessa ‘religião católica, tão boa como qualquer outra’, mas da religião católica, a única verdadeira, porque a única que traz em si os sinais de um Deus Revelador (FERRONATO, 1959, p. 4).

As palavras acima se compunham com o posicionamento da hierarquia católica do Rio Grande do Sul, a qual persistia, agarrada à oposição ao mundo moderno e ao pluralismo religioso, postura que oficialmente só foi mudada com o Concílio Vaticano II. Assim, em 1957, o episcopado rio-gran-

6 Já o trabalho pioneiro de Bastide (1971) defendia que a primeira geração de intelectuais umbandistas caracterizava-se pelo autodidatismo e pela pouca familiaridade com o ensino formal. Por isso, foram muito importantes a adesão posterior de membros da elite social e intelectual gaúcha à umbanda, como foram os casos dos espíritas Hélio de Castro (ISAIA, 2000) e do médico Ivan Hervé (ISAIA, 2009), ambos na década de 1950.

dense se manifestou a respeito das religiões mediúnicas:

Prevenimos, por isso, nossos caríssimos diocesanos, de novo, de que as afirmações fundamentais do espiritismo, da sociedade de umbanda e de outras ideologias semelhantes estão em irreduzível oposição com verdades certas e imutáveis ensinadas por Deus e, em seu nome e com sua assistência indefectível, anunciadas pela santa igreja, da qual todos queremos permanecer membros e filhos amorosos e fieis (EPISCOPADO RIO-GRANDENSE, 1957, p. 222).

A hierarquia católica respondia às aceleradas transformações socio-culturais do século XX, com seu posicionamento capaz de enxergar o mundo moderno como povoado de inimigos e de maquinações para destruir o poder da igreja. Juntamente com as religiões mediúnicas, à ação da maçonaria, eram creditados os planos para o aniquilamento da neocristandade defendida pela igreja:

A generalizada indisciplina dos costumes públicos e particulares, decorre, com a lógica incoercível dos fatos, da moral naturalista, sem sanção e sem Deus, como a propaga a seita tenebrosa, justamente interdita, sob pena de excomunhão, aos fiéis católicos (EPISCOPADO RIO-GRANDENSE, 1957, p. 223).

Mesmo com o Concílio Vaticano II, os ecos dessa postura apareciam. Um exemplo dessa persistência, na primeira metade da década de 1960, encontra-se em um jesuíta, padre Friderichs, que após visitar vários centros espíritas e casas umbandistas escreveu:

É impossível que Deus queira ser servido de maneira tão excêntrica e indigna! As visitas aos centros e terreiros de espiritismo e umbanda reavivaram em mim a gratidão a Deus pela graça inestimável de pertencer à verdadeira igreja de Jesus Cristo, a igreja católica (FRIDERICHS, 1965, p. 113).

Para o padre Friderichs, o espiritismo e a umbanda estavam relacionados à proliferação de toda a sorte de crimes, que iam do exercício ilegal da medicina à prática do aborto (FRIDERICHS, 1965). A obra do padre Friderichs insistia na vinculação entre religiões mediúnicas e a prática ilegal da medicina, sendo, inclusive, seu livro destinado “em primeira linha para os médicos e estudantes de medicina” (FRIDERICHS, 1965, p. 38).

No Rio Grande do Sul, o consórcio entre o discurso católico e o mé-

dico contra as religiões mediúnicas não era novidade. Durante a década de 1950, essa aproximação fica patente, por exemplo, na conjuntura da tramitação do projeto de criação de um Hospital de Umbanda. Em 1957 foi aprovado, na Câmara Municipal de Porto Alegre, o projeto de lei do vereador Pessoa de Brum, do Partido Trabalhista Brasileiro, o qual doava um terreno aos representantes da umbanda para a construção de um hospital. O arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer condenou, o que chamava de “projeto curandeiro”, remetendo a umbanda para o que de pior existia na sociedade:

A umbanda se distingue pela pretensa invocação dos espíritos e pelo culto ao demônio que chamam de Exu. Os perigos das práticas umbandistas, no terreno da terapêutica, coincidem com os efeitos deploráveis do charlatanismo e do curandeirismo. Reduzem-se à prática ilegal da medicina com as conseqüências desastrosas que todos conhecemos. Muitos doentes ficam sem tratamento adequado, perdem tempo e veem seus males agravados, muitas vezes, irremediavelmente, com pseudo-tratamento dos terreiros e dos despachos. Grande parte e mesmo a maioria das doenças, na ideologia umbandista, provêm da influência de espíritos maléficos e trevosos, que agem sobre o enfermo ou são causadas por algum espírito ‘encostado’ no doente. [...] Cabe aos médicos dar a resposta autorizada, pois, vivem profissionalmente dedicados a tais estudos. [...] Grande parte de nossa população padece de dois tremendos flagelos que são o analfabetismo e a falta de assistência médica. A umbanda vive e se expande graças a estes males sociais (SCHERER, 1957, p. 192).

O consórcio entre o discurso católico e o médico era evidente no Rio Grande do Sul, mas estava longe de ser uma peculiaridade. O já citado frei Boaventura Kloppenburg, praticamente se estribou no discurso médico como uma das fontes legitimadoras no seu ataque às religiões mediúnicas. Pode-se ver a associação entre discurso católico e médico já no seu chamamento aos estudos do médico maranhense Raymundo Nina Rodrigues (1935), o qual defendia a vinculação entre transe mediúnico e histerismo. De forma mais direta, Nina Rodrigues defendia a predisposição atávica dos negros ao histerismo como favorecedora do transe. Nina Rodrigues escrevia que, devido à grande influência negra na sociedade brasileira e mesmo entre a elite branca, a histeria e a familiaridade com a invocação aos mortos acabaram difundindo-se, comprometendo a saúde mental e o nível cultural do povo (NINA RODRIGUES, 1939). A vinculação entre histeria e transe mediúnico,

assumida por padres e médicos brasileiros, remetia às experiências de Jean Martin Charcot no hospital parisiense da Salpêtrière (CHAUVELOT, 2001, p. 162).

Nessa visão, o transe era associado a estados hipnóticos ou auto-hipnóticos e estavam diretamente relacionados à histeria. Portanto, na origem do transe mediúnico havia a pré-disposição histérica como elemento desencadeador. Os médiuns eram vistos como pessoas que agiam fora da coerência do eu, completamente distantes dos indivíduos sãos, os quais fundamentavam o comportamento no império da razão (PEREZ, 1994; SILVA, 1993).

A igreja defendia o discurso médico-psiquiátrico como a fonte profilática para enfrentar a sintomatologia histérica que proliferava, na sua ótica, nas religiões mediúnicas. A já citada obra do padre Friderichs embasava seu posicionamento sobre o transe nas religiões mediúnicas, a partir da visão de Charcot sobre a vinculação entre hipnose-histeria. Assim, a partir de autores como Osmard Andrade de Faria, autor de um livro sobre hipnose, destinado a médicos e dentistas, tudo o que acontecia, tanto no espiritismo quanto na umbanda, nada mais era do que “sessões de auto-hipnose, comandada por leigos e sem qualquer orientação científica e fisiológica” (FRIDERICHS, 1965, p. 130).

A partir desse ponto de vista, Friderichs analisava, não somente as sessões espíritas e práticas umbandistas, quanto fenômenos julgados por ele aparentados com aqueles, como o movimento fundado por Osvaldo Jesus Vieira, o “Mestre Osvaldo” na cidade de Esteio. Um sintoma da preocupação da igreja católica com as atividades de “Mestre Osvaldo” foi o envio de um representante do Secretariado da Defesa da Fé, órgão criado pela CNBB para enfrentar a diversificação do campo religioso no Brasil. Para Friderichs, a igreja do Nazareno, fundada por “Mestre Osvaldo” tinha explícitas vinculações com as religiões mediúnicas. Para padre Friderichs, o que o mesmo chamava de “seita osvaldiana”, apresentava “um misto adulterado de espiritismo, protestantismo e catolicismo” (FRIDERICHS, 1965).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das fontes relativas ao catolicismo pré-conciliar no Rio Grande do Sul, frente às religiões mediúnicas, evidenciam a sua insatisfação sobre a complexidade crescente do campo religioso gaúcho e do lugar nele ocupado por aquelas opções religiosas. Por outro lado, as fontes relativas às religiões mediúnicas no Estado, no período aqui enfocado, salientam a presença do catolicismo nas mesmas, apesar das explícitas diferenças doutrinárias e da campanha católica contrária a elas.

Se o catolicismo consegue afirmar-se institucionalmente no Estado, na primeira metade do século XX, a hierarquia católica vai mostrar a sua insatisfação, à medida que as religiões mediúnicas conseguiram visibilidade, adeptos e alianças políticas. A hierarquia católica persistiu na defesa de uma sociedade dócil aos seus ensinamentos, na qual os mesmos fossem considerados normas sociais.

O secular discurso da igreja católica, capaz de ver o mundo moderno como um território de missão a ser convertido à única fé verdadeira, em breve teria de ser revisada. Não apenas o espiritismo, a umbanda e demais religiões afro-brasileiras, mas também, os protestantismos teriam de ser vistos sob outras lentes pela igreja, em um mundo que aprofundava o pluralismo religioso e a relativização da sua voz. Em pouco tempo, a igreja católica do Rio Grande do Sul, teria de acompanhar o movimento de “aggiornamento” proposto pelo Concílio Vaticano II para o catolicismo mundial.

Sendo assim, os anos pós-conciliares trariam a necessidade de a hierarquia católica rio-grandense dialogar com realidades religiosas, a quem, anteriormente, não reconhecia nem o *status* de religião e ser capaz de, com elas, relacionar-se de forma mais empática.

## REFERÊNCIAS

- ASTURIAN, Marcos Jovino *et al.* José Ferreira de Moraes: Biografia. **Revista de Ciência e Inovação do IF Farroupilha**. Farroupilha, v. 1, n. 1, p. 13-25, 2016.
- AUBRÉ, Marion; LAPLANTINE, François. **La table, le livre et les esprits**. Paris: JC Lattès, 1990.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de Civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971 [1960].
- BOIA, Lucien. **Pour une histoire de l’imaginaire**. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- CALDAS, Moab. Discurso. *In: Anais da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1959.
- CALDAS, Moab. **Entrevista**. Porto Alegre, 24 abr., 1995.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. Uma interpretação sociológica. São Paulo: Pioneira, 1961.
- CENTENO, Gilda; GUEDES, Núbia Martha. **Entrevista**. Porto Alegre, 16

maio, 1995.

CHAUVELOT, Diane. **Historia de la histeria**. Madrid: Alianza, 2001.

CORREA, Norton Figueiredo. Panorama das religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul. In: ORO, Ari Pedro (org.). **As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

EPISCOPADO LATINOAMERICANO. **Actas y decretos del Concilio Plenario de la América Latina**. Roma: Tipografia Vaticana, 1906.

EPISCOPADO RIO-GRANDENSE. **Mensagem do Episcopado Rio-Grandense reunido em conferência na cidade de Passo Fundo de 21 a 24 de outubro de 1957**. Unitas, Porto Alegre, v.46, n. 4, p. 22-231, 1957.

ESTATUTOS. **Sociedade Espírita de Umbanda Cavaleiros de São Jorge Guerreiro**. Montenegro, 1957.

FERRONATO, Luiz. A missão de Frei Boaventura. **Jornal do Dia**. Porto Alegre, 14 out. 1959, p. 03.

FRIDERICHS, Edvino S. J. **Onde os espíritos baixam**. Orientação para os católicos sobre espiritismo, umbanda e charlatanismo. São Paulo: Paulinas, 1965.

HERKOVITS, Meville. O extremo-sul dos africanismos no Rio Grande do Sul. In: **Anais da Faculdade de Educação Ciências e Letras de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 1943.

ISAIA, Artur Cesar. “Madrinha Gilda”: Uma Franciscana de Umbanda. In: KATRIB, Cairo Mohamed Ibrahim Katrib *et al.* (orgs.). **Mulheres de Fé: urdiduras no Candomblé e na Umbanda**. Uberlândia: Composer, 2018.

ISAIA, Artur Cesar. **Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

ISAIA, Artur Cesar. Cidadãos acima de qualquer suspeita os umbandistas pedem passagem no Rio Grande do Sul. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 7, n. 13, 2000.

ISAIA, Artur Cesar. Direitos Humanos e diálogo com o século XXI na Carta Magna da Umbanda. **História, Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 19, n. 1, p. 124-134, 2019.

ISAIA, Artur Cesar. O outro lado da repressão: a Umbanda em tempos de Estado Novo. In: ISAIA, Artur Cesar (org.). **Crenças, sacralidades e religiosidades**. Entre o consentido e o marginal. Florianópolis: Insular, 2009.

ISAIA, Artur Cesar. Uma congregação franciscana na Umbanda do Rio Grande do Sul. O Abrigo Espírita Francisco de Assis: História e Memórias. **RIHGRGS**, Porto Alegre, n. 165, p. 105-121, dezembro de 2023.

- ria. **História Revista**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 279-296, 2022.
- ISAIA, Artur Cesar. Umbanda, intelectuais e nacionalismo no Brasil. **Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 9, n. 3, p. 1-22, 2012.
- ISAIA, Artur Cesar; AMORIM, Pedro Paulo. O “Almenara”: as Religiões Afro-Brasileiras em um periódico de oposição à Federação Espírita Brasileira (meados do século XX). **Mneme**, Caicó, v. 15, n. 34, p. 151-166, 2014.
- LADOUS, Regis. **Le Spiritisme**. Paris: Éditions du Cerf et Fides, 1989.
- NINA RODRIGUES, Raymundo. **Coletividades Anormais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiras, 1939.
- NINA RODRIGUES, Raymundo. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: CED, 1935.
- O ESPIRITISMO COMEMORA O PRIMEIRO CENTENÁRIO DE SUA CODIFICAÇÃO. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17 abr. 1957, p. 14.
- PEREZ, Fernando Colina *et al.* **El delírio en la clínica francesa**. Madrid: Ediciones Dorsa, 1994.
- PESAVENTO, Sandra. **Os sete pecados da capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- PINHEIRO, D. Hermeto José Pinheiro. **Carta Pastoral**. [s.i], 1917.
- POULAT, Emile. Compreensão histórica da igreja e compreensão eclesial da história. **Concilium**. Rio de Janeiro, n. 67, p. 811-824, 1971.
- PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados: orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- REGULAMENTO INTERNO. **Sociedade Espírita de Umbanda Cavaleiros de São Jorge**. Porto Alegre, mimeo.
- SCHERER, D. Vicente. Hospital de Umbanda. **Unitas**. Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 191-194, 1957.
- SILVA, Luiz Carlos Avelino da. **As transformações do discurso histórico desde Charcot**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 1993.
- SOCIEDADE ESPÍRITA DR. FERREIRA DE MORAES. **A Reencarnação**. Porto Alegre, maio, 1994, p. 20.
- SOCIEDADE ESPÍRITA KARDECISTA. **A Reencarnação**. Porto Alegre, abr. 1957, p. 10.
- VOVELLE, Michel. **As almas do purgatório ou o trabalho do luto**. São Paulo: UNESP, 2010.
- WARREN, Donald. A Terapia Espírita no Rio de Janeiro por volta de 1900.

**Religião e Sociedade.** Rio de Janeiro, v.11, n.3, p. 56-83, 1984.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar.** Santa Maria: Editora da UFSM;  
Bauru: EDUSC, 1999.

ZORZI, D. Benedito. **Segunda Carta Pastoral de D. Benedito Zorzi.** Volta a  
Cristo. Ilhéus: Imprensa Diocesana. 1950.

**Recebido em:** 01/07/2023

**Aceito em:** 02/11/2023